

CHAMADA PARA ARTIGOS: REVISTA FAROL

A Revista Farol, do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, torna pública a chamada para submissão de artigos referentes ao dossiê “**Cólera das imagens: controle, resistência, guerra**”, v.19, n. 29, 2023.

Poderão ser enviados trabalhos até o dia 16/11/2023

Submissão e Normas de publicação: <https://periodicos.ufes.br/farol/about/submissions>

Previsão de publicação: dezembro de 2023

Cólera das Imagens: controle, resistência, guerra

(Tema do dossiê Revista FAROL, v.19, n.29. 2023)

Elevar seu pensamento até a cólera. Elevar sua cólera até queimar a si mesmo. Para melhor cindir, calmamente, a violência do mundo.
DIDI-HUBERMAN, Georges.¹

Ensaiai é expor fragmentos. É fazer ver o centro enquanto circunferência. Atravessar imagens e tempos distintos, entrecortando campos de conhecimento. Retomar e reincidir na ordem da montagem, um conjunto de acasos. Diante disso, tomamos os filmes de Harun Farocki como um exemplar direto desse modo de produção. Esse cineasta e artista visual atua no mundo à maneira de Godard, portando-se igualmente como um crítico das imagens e teórico da mídia ao refletir continuamente sobre as implicações políticas, sociais, culturais e éticas que infringem a economia imagética e os mecanismos de operação da vida em sociedade no tempo presente. Para Didi-Huberman suas *imagens-montagens* nos apresentam uma *aporía para o pensamento* ao destacar um saber equivalente ao modo de trabalho dos filósofos. Ou seja, diante das produções farockianas, também somos convocados a refletir sobre *o pensamento da imagem*.

Situação I: controle

O vídeo recondicionou o verbo *ver* ao criar imagens cuja base é um fluxo digital de dados. O olho onipresente dos tão atuais circuitos de monitoramento interno funciona como uma grande vista panóptica. Foucault argumenta em *Vigiar e Punir* que o modelo do *pan-óptico* de Bentham, em seu conceito de penitenciária ideal, se estende também para outras instituições e práticas sociais, funcionando como um símbolo de poder disciplinar e controle sobre os

¹ DIDI-HUBERMAN, Georges. *Remontagens do tempo sofrido. O olho da história, II*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018, p. 92.

indivíduos. Já Deleuze propõe uma atualização da conceituação foucaultiana, apontando que vivemos em uma *sociedade de controle* caracterizada pela fluidez e dispersão do poder, onde os indivíduos são constantemente monitorados, rastreados e avaliados por meio de dispositivos digitais, como câmeras de segurança, cartões de identificação, registros eletrônicos e algoritmos de análise de dados.

Situação II: resistência

A partir da repressão e vigilância, podemos ainda refletir sobre nosso trauma do período da Ditadura Civil-Militar. O impacto desse longo e extenso período no Brasil não só gerou marcas agressivas na história de nossa sociedade como também naturalizou definitivamente malesas e procedimentos autoritários, desencorajando propostas de uma arte com caráter crítico-reflexivo que agisse explicitamente sobre o campo do real. Todavia, a contrapelo a essa tendência estritamente formal, artistas visuais, músicos, escritores e cineastas desafiaram o regime autoritário e deram voz à resistência. Dispostos a defender uma arte crítica e engajada com cunho social e político, produziram obras que não apenas denunciavam a repressão política, mas também buscavam conscientizar e mobilizar a sociedade.

Situação III: guerra

O gesto desafiador dos artistas questiona a premissa de que o espaço público democrático não é fixo, mas sim um local de constantes disputas. Para Claude Lefort, esse *desaparecimento dos sinais de certeza* dos fundamentos da vida social² seria uma das insígnias da democracia. Se as manifestações, protestos e levantes erguem um estandarte em defesa dos direitos de um determinado grupo social, os atuais e fragmentados conflitos civis contemporâneos também compõem essa mesma conflituosa paisagem e nos aporta para a *imagem-guerra* — imagens que capturam fenômenos, situações ou cenas relacionadas à guerra, conflitos armados ou outras formas de violência. Essas imagens muitas vezes têm o poder de influenciar, cindir ou tensionar a opinião pública, a fim de provocar discussões e gerar reações emocionais.

² Cf. LEFORT, Claude. *The Political Forms of Modern Society: Bureaucracy, Democracy, Totalitarianism*. Cambridge: The MIT Press, 1986, p. 279.

Portanto, entre o controle, a resistência e a guerra, este dossiê propõe reunir ensaios, escritos teóricos e críticos na interseção entre arte, filosofia, sociologia e teoria política. Buscamos abordagens acerca das crises e críticas em relação tanto à imagem quanto ao seu poder de operação como agente de transformação social, além de estarmos abertos a escritos que analisem os aparatos tecnológicos de operação e seu funcionamento.

Referências

- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Remontagens do tempo sofrido. O olho da história, II*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- LEFORT, Claude. *The Political Forms of Modern Society: Bureaucracy, Democracy, Totalitarianism*. Cambridge: The MIT Press, 1986.

Grande Área:

Imagens em movimento (a partir de filmes e vídeos)

Linhas Temáticas:

- Imagem em movimento e sua relação com controle e/ou disciplina social;
- Perspectivas críticas e teóricas dos dispositivos tecnológicos de captação imagética;
- Vídeos e filmes de artistas sobre a perspectiva da(s) ditadura(s) brasileira e argentina;
- Vídeos e filmes ‘conceitualistas’ produzidos sobre a noção do político;
- Imagens e trabalhos artísticos que problematizam manifestações e conflitos civis atuais;
- Análises entre arte, sociologia e/ou filosofia do estado de direito/ estado de exceção.

Este dossiê temático é coordenado por André Arçari (PPGAV-EBA/UFRJ) e Bruno Zorzal (PPGA/UFES).

- Antes de submeter o seu artigo, por favor consulte todas as instruções no site através da aba Submissões > Diretrizes para autores.